

ADEFEZA

Orgão do Partido Republicano Liberal

DIRECTOR—**Manoel Alves Correia**

Editor—**José Plácido d'Oliveira Ramos**

ADMINISTRADOR—**Joaquim Correia Dias**

Redacção e Administração—Rua Antero de Quental, N.º 18

Assignatura

Continente e ilhas adjacentes, semestre... \$75
ano..... 1\$50
Africa e Brazil 3\$00

PROPRIEDADE DA EMPREZA

Composto e impresso na Tip. «Ovarense», Rua Elias Garcia, N.º 132—Ovar

Anuncios

Primeira publicação, \$6 centavos a linha. Repetições 4 centavos. Permanentes, contracto especial. Os srs. assuantes teem 25 p. c. de desconto.

A carta de Afonso Costa

Em 27 de novembro último escrevia o sr. dr. Afonso Costa ao actual presidente de ministros uma carta datada de Paris, agora reproduzida na imprensa periódica. Nada mais natural e menos azado a comentários ou estranhezas. A carta é ainda um meio licito de comunicação entre pessoas que a ausencia separou um dia e desejam ou precisam manter relações. O que, porém, achamos muito curioso e interessante é a parte da epistola que diz assim:

«Pelo que particularmente me respeita julgo-me em consciencia obrigado a persistir na minha abstenção de qualquer actividade partidária e portanto a renunciar ao elevado posto para que fui designado por uma votação tão significativa pela sua emandidade como pela sua espontaneidade. O meu dever é continuar no caminho que as circunstancias exteriores e as imposições do meu espirito me ditaram; tenho de conservar-me absolutamente apartado das lutas e campanhas apaixonadas sempre destituídas de respeito mútuo e, por vezes, também da mais elementar lealdade em que se comprazem tantos portugueses nesta hora excepcional que aliaz só deveria inspirar actos de abnegação, afirmações justas, serviços patrióticos;... e depois d'isso (de terminada a sua missão na conferencia da paz) precisarei de encontrar no isolamento e no repouso o esquecimento de dores que desde 1917 me teem atormentado em condições quasi incomportaveis.»

O antigo chefe democratico vinga-se dos seus partidários abandonando-os no meio da tribulação. E lá com ele. Mas por mais que seja o despeito nelas traduzido, isso nem parece palavras do homem que se julgou ter, neste desventurado país, tudo por uma chave e alardeava fumaças de traga-mouros. Que desillusão!...

Ora, há aí duas partes que queremos frisar, e aqui está a razão deste artigo: na primeira, reveladora da sua incomensurável vaidade, mostra o ex-grande homem sem um gesto de patriotico orgulho, aberta e ainda sangrante, a ferida no seu amor próprio praticada em 1917 pelo ostracismo a que pelo grosso do seu partido se viria votado. Das suas expressões se

vê que o golpe calou fundo e veio vincar naquele rosto mestofélico que de tudo parecia rir e zombar o lucies meditando dos acerbos desenganos. Incompatibilizou-o a ele com o seu partido e ao partido com o seu amor próprio maltratado, e então, agora vinga-se negando sollicitada tábua de salvação do seu auxilio e virando as costas ao grupo que classifica, sem eufemismos, de intratável e indigno da colaboração de um homem que amé o bem do seu país. Não se chamé a isto uma fulminação, uma condenação terrivel, porque é juizo ní corrente e admitido por toda a gente que se pressa e conhece o que convem a um povo que quer viver e prosperar, respirar livremente e ser senhor do que é seu, mas é um testemunho insuspeito e de valor. O partido democratico é aquilo mesmo. A consciencia acordou agora no grande estadista que, para seguir-lhe os ditames e saborear o prazer dos deuses ofendidos tem de repudiar a sua obra partidária e a camaradagem dos seus amigos de ontem! Só temos que aplaudir. Mas o peor é que o mal que da sua acção resultou, tem resultado e resultará, alagar o país de um a outro extremo!...

Na outra parte do transcripto excerpto epistolar dá-nos conta Afonso Costa da granda transformação operada no seu espirito. Quer a paz, o viver tranquilo o homem que mais ateou a guerra no seio de um povo de firmãos e lhe deu audácias para todas as violencias! Anceia pelo isolamento e quicá pelo olvido quem tanta predilecção mostrou pelo ruido das praças tumultuárias dos comícios e todo se pavoneava no seu automovel de luxo pelas ruas da capital! As voltas do mundo!...

Mas isolado e esquecido, onde?

Longe da patria que a sua manápula brusca de homem de governo sem moderação nem disciplina mental tão necessarias em quem preside nos destinos de um povo, dividiu, fracionou e enfracqueceu, convertendo-a em lugradouro desse enxame de zangãos democraticos que tudo devoram e inquietam sem nada produzirem.

Mas isolado e esquecido, onde?

Lá longe, no exílio farto e cheio e a salvo das sinistras contingencias a que exem-

ploa terríveis da sua politica, de há 10 anos a esta parte, vem sujeitando os homens publicos de Portugal.

Mas isolado e esquecido, onde?

Longe do alcance de tantos males que nos esmagam cá dentro e com a avultada fortuna ao abrigo dessa cotisação brutal em perspectiva, consequencia necessaria da nossa linda comparticipação na guerra.

Mas isolado e esquecido, onde?

Lá longe no seio da prosperidade, enquanto o país onde, nas horas ambicionadas do governo enriqueceu, se debate com a fome e a miséria!

Ah! Grande estadista!

Quão diferentes vejo o teu destino e o da patria, quando os cotejo!

Afinal?!

Afinal quem repóz a verdade dos factos, foi a «Defeza» afirmando que o Sr. Abridão tinha sido agredido pelo sr. dr. Alberto Tavares, ou a «Patria» atestando que este Sr. apenas se limitara a separar os dois contendores?

Muito desejaríamos ver isto em pratos limpos para que se não diga que a Verdade anda arrastada pela lama.

O "LOGARSINHO" HEIN?

Então é o «logarsinho» que nós vemos sempre deante do nariz? Ora muito nos contam!

Então também seremos nós que—apenas por um grande e desinteressado amor à Republica, é claro—nos vamos regalando com um «logarsinho» de official do Registo Civil, com um «logarsão» de senador com ordenado melhorado e bilhetinho para flamar nos caminhos de ferro e com outros logares de primaria e mesmo superior... qualidade?

São capazes de o dizer! lá cara para isso teem eles...

Confrontos

É esta a segunda vez que a «Patria», querendo acusar o nosso correligionario e dedicado amigo sr. Correia Dias, faz o maior elogio ao seu carater. E assim diz que este nosso amigo se declarou monarchico no dia em que as forças republicanas entraram em Ovar.

Se isto fosse verdade, que não foi, via-se que Correia Dias procedia d'uma forma precisamente contraria a uma grande parte dos vultos em destaque do partido democratico d'Ovar, que, quando entraram as tropas monarchicas, ou as vitoriam ou mostravam aceitar como facto consumado a monarchia.

Correia Dias, pois no dizer da «Patria», é um politico que não vae na corrente dos acontecimentos, cedendo a sua opinião ou mudando de attitude politica quando os seus interesses perigam. É pois um carater integro, um perfeito homem de bem. E, n'isto, tem toda a razão o orgão democratico.

Depois, Correia Dias, em vez de ir assentar praça no sòbado democratico, onde encontraria as facilidades e o destaque proprios da sua importancia pessoal, preferiu entrar num partido da opposição; em luta contra todos esses elementos que o poder dá e que não são de pequena importancia, quando estão servindo de joguete a um partido que, na opinião do seu actual chefe encoberto, o sr. Antonio Maria da Silva, poz o paiz a saque.

Este homem que, no dizer da «Patria» se declarava monarchico, quando a monarchia tinha liquidado, não no campo da batalha d'onde fugira, mas no momento da vitoria com as medidas subversivas que a sua Junta de Governo decretou, é por força um homem de valor que ha-de prestar ao seu partido grandes serviços pela importancia pessoal que tem, pelo valor moral do seu proceder e pelo seu espirito altruista, que os seus adversarios são os primeiros a reconhecer.

Mas Correia Dias não fez a declaração que a «Patria» lhe attribuiu. As pessoas que o acompanharam n'essa noite confirmaram já precemente o contrario. E ele não podia dizer o que não era verdade.

Era sidonista como era o sr. Zeferino Camossa.

Como sidonista, estivera na vice-presidencia da Camara. E todos viram que ele, em vez de ser um politico intransigente, faccioso, perseguindo os seus adversarios que a situação municipal tinham declarado guerra sem treguas, era ao contrario tolerante.

Que o digam os empregados e mais pessoal da Camara: que o testemunhe o secretario.

Esteve na direcção do celeiro municipal, enquanto este não

tomou uma gerencia especial; e ahí, como na administração municipal, foi o mesmo homem—não conhecendo, na distribuição dos generos amigos ou adversarios. Se assim foi ou não que o digam os maiores democraticos.

Podia então valer-se da sua posição em destaque, para fazer largos negocios, porque nem os seus colegas, os mais importantes negociantes do nosso meio, podiam com ele competir. Mas nunca se valeu d'isso, o que é pouco vulgar nos desgraçados tempos que vão correndo.

Tal é o nosso correligionario que a «Patria» poz em confronto com o sr. Zeferino Camossa.

Foi esse confronto que nós quizemos pôr ao vivo; não porque nos movesse qualquer má vontade contra o sr. Camossa, mas para em qualquer situação se ver que o nosso partido não teme confrontos com os adversarios, nem os seus homens se podem medir sem que do nosso lado se manifeste uma grande vantagem.

Correia Dias é para nós um correligionario querido, leal e d'um altruismo e dedicacão incomparaveis, com um espirito de sacrificio politico que os democraticos em geral não comprehendem.

Para terminar, o confronto politico dos dois homens que, debaixo deste ponto de vista, vimos apreciando, basta dizer: Correia Dias debutou na politica, prestando na administração camarária a maior soma de favores a todos os seus contemporaneos, incluindo os seus adversarios; Zeferino Camossa debutou na politica pedindo e impondo na primeira reunião dos seus correligionarios, a transferencia dos presos politicos d'Ovar para Coimbra.

Um partido de violencias pôde querer muito ao ultimo: o nosso partido, a nossa alma vae para o primeiro. Só a bondade edifica, só o bemfazer radica, no povo, os partidos e as intuições; só pelo altruismo se cria uma solida influencia.

E no fim de tudo—qual dos dois é o verdadeiro republicano, o homem das modernas democraticas?

Tem a palavra os vareiros.

Quem torto nasce...

Dizem-nos que o Alcino foi sempre aquilo, parecendo meter a pessoa no coração e pronto sempre a anavalhá-la pelas costas.

Acreditamos, acreditamos; e nós bem sabemos já que ele é homem que se atiga a dias hoje bajulando um, rojando-se amanhã para o outro.

Entim, é mais uma comedia que ele está a pôr em scena.

A MARGEM DA VIDA

O MARTYRIO DAS RUINAS

«Por toda a Europa, os velhos bairros históricos são hoje o tesouro das cidades que os possuem».

Ramalho Ortigão,

Nesta hora crepuscular de uma Raça, em que os horizontes se vestem das tintas acinsentadas da agonia, vendo deambular no espaço, ao sopro árido do materialismo do século, todos os valores moraes, que são os fundamentos das velhas civilizações, um facto ha, entre tantos, que mais fundo me fere e mais intimamente me quebranta; é o abandono triste, o desprezo aviltante em que morrem as velhas coisas portuguezas e essas reliquias do tempo dos nossos avós são dispersas e esquecidas como inutilidades, que o vento desfaz e sacode no pó dos caminhos.

Deixamos desmantelarem-se e cabir a pedacos, sem uma comoção, esses monumentos, perante cuja magestade austera ou humildade comovente nos deviamos inclinar em sentido respeito, curvados pela consciencia amarga de que nada temos que legar ás gerações vindouras, que se lhes compare em grandeza e valor espirital.

Egrejas musgosas, claustros silenciosos, abobadadas de nervuras delicadas como veias em mãos de mulher, fontes lacrimojantes, esculturas ingenuamente toscas e painéis cujos rostos desmaiados velhos pintores trataram carinhosamente, bordados subtis como finissimas teias que mãos milagrosas compoessem em algum conto de fadas, tudo o tempo corrêe na sua inconsciencia de vandalo que passa, tudo desaparece subvertido na ignorancia grosseira do homem.

Contar as profanações dos monumentos portuguezes, descrever esse martyrio lento mas persistente das velhas ruinas seria compôr um poema inteiro com a dor das chagas abertas a frio nesses corpos de pedra sempre viva, a que a alma dos nossos avós imprimiu um pouco do seu calor e da sua ternura.

D'alguns casos mais friantes voltarei a tratar; por agora, apenas dois ou tres exemplos:

É a torre de Belem, joia do tesouro manuelino, filigrana de pedra esculpida ao calor vivificante de algum coração enlevado no sonho mysterioso das Indias, denegrida nos seus rendilhados pelo fumo e corroída nas suas arestas vivas pelos gases deletérios da Fabrica do Gaz.

É o lendario Convento de Nossa Senhora da Con-

ceição de Beja desprezado e quasi demolido, esse convento que foi o refugio amargurado da mais amargurada amante que ainda houve na linda terra portuguesa e suas pedras, hoje enegrecidas, recolheram piedosamente as lagrimas de crystal da triste Soror Mariana Alcofaredo, a apaixonada do Senhor de Chausilly.

É a bela torre gótica de Santa Maria de Marvilla em Santarem, coeva da fundação da Monarchia, que uma prosaica vereação do Constitucionalismo arrasa no intuito grosseiro de fazer uma praça.

É a Torre do Alporão, monumento do dominio romano, ainda em Santarem, estupidamente derrubada para que o coche da gorda D. Maria I pudesse passar, quando em 1785 visitou aquella cidade.

É a cantaria do Castelo de Vasco da Gama, na Vidigueira, demolida para se gastar nas construções publicas.

É a varanda dos Paços do Concelho de Evora, edificada por D. Afonso V, deitada abaixo para alargar uma praça, sem que aos illustrados vereadores causasse a minima impressão ter sido d'essa historica varanda que primeiro se aclamou a independencia de Portugal.

É ainda... mas basta! A enumeração vergonhosa de todos estes crimes, que a ignorancia do homem mais do que a inconsciencia do tempo tem cometido, occuparia paginas.

Desgraçadamente, porem, o mal alastra, os vandalismos repetem-se e a linha rigida e fria do arruamento novo, a cor artificiosa da construção moderna, onde não vibra um sentimento nem palpita a alma de um artista, vão destruindo, a pouco e pouco, os velhos muros coroados de ameias encanecidas, a imponencia hierática da torre românica, ou a exaltação mistica da arcada gótica, que os séculos viram erguer e que a luz medieval beijou n'uma pualha d'oiro e em transparencias de opala.

É, contudo, aquelas pedras, que vivem ainda como poemas erguidos a Deus, cantam no orgulo das suas torres o orgulho forte da nossa Raça e resam na gravidade austera das suas linhas os canticos supremos da nossa fé e dos nossos destinos.

Ovar, abril de 1920.

Frel Oredo,

quando lhe appareceu novo contendor o sr. dr. Domingos Pereira.

Agora novo abraço. Decididamente são abraços malditos aqueles que o sr. Antonio Maria dá.

E' cada abraço cada empurrão para fóra do partido.

Força eleitoral

Pergunta-nos a «Patria» porque não fomos á eleição de senadores do dia 28 de março passado.

Não fomos em 1.º lugar porque não houve eleição, nem foi annunciada por editaes, nem d'ela teve conhecimento pessoa alguma do concelho, pois aqui não chegou o «Diario do Governo» que designava o dia da eleição, por causa da greve dos correios. Dizer-se que se annunciou eleição é um truco democratico. Em 2.º lugar não podiamos ir á luta sem a apresentação de candidatura do nosso partido.

Nada temos com as lutas eleitoraes passadas. Elas feriram-se, ou podiam ferir-se, entre individualidades ou partidos, que nos não interessam.

A «Patria» chama á discussão as eleições sidonistas?...

Mas essas foram uma vergonha para o partido democratico.

Os democraticos decretaram que não mais pertenceria ao seu partido quem se atrevesse a votar na eleição sidonista: eles proclamaram e impozeram a abstenção.

E o que succedeu? As eleições nunca, no concelho de Ovar, foram tão concorridas então, tendo a fiscalisação todo o pessoal dirigente democratico. Todas as assembleias estiveram nejudas de eleitores. E até na freguezia de Valega onde tinha ou se dizia ter grande influencia eleitoral o sr. José d'Oliveira Lopes, ali mesmo, a comparência de eleitores foi tão numerosa, que aquele cavalheiro quiz, pelo cheque que acabava de sofrer, abandonar o seu logar.

Então o povo manifestou quanto lhe era antipatica a política despotica dos democraticos. E ainda se não tinham dado as prisões...

Quanto ao mais no futuro veremos.

Uma declaração porém temos a fazer, sem receio de errar, e é—que nas primeiras eleições, se os democraticos não dispozerem do poder, o seu partido, neste concelho, não vae á urna—não é partido que na opposição se meça com outro.

Carnaval

Pois o que é senão carnaval continuo o modo de ser da «Patria»?

Hoje supõe dobrar tudo ao terror dos processos, das ameaças e dos insultos; amanhã volta atraz e hajula e louyaminha para captar as boas graças d'aquelles a quem offendeu.

Seriedade, coerencia? Historias.

E quando entalados nas suas proprias palavras, empurram para o trem a responsabilidade do que mandaram escrever.

Ahi está a moralidade dos seus actos.

Por isso tanto os seus insultos, como os seus louvores, nem offendem, nem conquistam simpatias.

Sabe cá a «Patria» o que é Republica ou principios republicanos... Principios, só conhece os do estomago.

Respondendo...

Em defeza do sr. capitão Zeferino Camossa, veio o sr. capitão Manoel Leite com uma carta, que não queremos deixar sem resposta, pela muita consideração que temos pelo dedicado republicano que a firma.

Essa carta em nada altera, antes corrobora tudo quanto dissemos no nosso artigo «Confrontos», á excepção da importancia que teve nos acontecimentos a acção do sr. capitão Leite, que ele quer desmerecer para a attribuir aos seus companheiros.

E, se não, vamos vêr.

O sr. Leite confirma que Zeferino Camossa aderiu ás Juntas.

«Esteve com as Juntas militares o sr. capitão Camossa? Esteve».

Essa adesão foi por escrito. Os jornaes disseram e o sr. Leite não o contraria.

O sr. Camossa retirou alguma vez essa declaração?

Responde o sr. capitão Leite:

«E só por um excesso de brio, e porque não queria que se dissesse que, só depois de ver as juntas sem o apoio que a principio pareciam ter, e que lhes deixou de dar o seu, não publicou a declaração que tinha feito, retirando a sua adesão a essas juntas.»

Logo, o sr. Camossa nunca retirou a sua adesão ás juntas e a proclamação da monarchia no Porto veio enconral-o n'essa situação dubia—nem deixando de aderir ás juntas, nem sacudindo a pressão d'elas.

O sr. Camossa dizia ao sr. Leite, seu amigo, seu camarada que «estava pronto a não obedecer ás juntas, que não acataria qualquer ordem d'elas»; mas entretanto não praticava um unico acto em conformidade com estas palavras—«por um excesso de brio e porque não queria que se dissesse...»

Era ou não esta a situação do sr. Camossa que traduzimos por estas palavras: «O sr. Zeferino Camossa tinha o seu nome prezo ás juntas: foi para o quartel, viu os seus companheiros, recebeu o entusiasmo d'elles e... com eles marchou?»

Friza o sr. capitão Leite que o sr. capitão Camossa estava no quartel quando o sr. Leite lá chegou.

Isso não tem a menor importancia, pois não dissemos que o sr. Camossa chegasse antes ou depois ao quartel. Nós já o tinhamos dito: «Qual foi a acção de destaque do sr. Camossa? Ninguém o soube».

Mas se o sr. Camossa estava no quartel era isso devido, não a acto politico, mas a serviços, que nada diziam respeito ao movimento. É a propria «Patria» que o diz em outra carta de defeza, paredes meias com os anuncios:

«Foi então que dos seus labios ouvi, em palavras onde vibravam a indignação e o desespero a noticia da proclamação do Porto que lhe havia sido transmitida pelo aspirante Pardal, ao tempo em serviço na estação do caminho de ferro.»

Estava pois o sr. Zeferino Camossa no quartel em serviço quando o aspirante

Pardal, veio dar conta ao seu comandante da proclamação do Porto.

O sr. Camossa cumpriu o seu dever de comandante militar chamando ao quartel officaes e soldados, visto que se dava um importante movimento militar.

E como politico o que fez?

É esta a situação critica a que alludimos e que descrevemos. Tinha sido comido—como disse ao seu camarada Leite: estava indignado, desesperado, como diz a outra defeza; mas a verdade é que... «por um excesso de brio, e porque não queria que se dissesse...», estava n'um beco sem sahida.

Foi então que compareceram no quartel os officaes que já levavam a resolução de defender a Republica. «Esta resolução, diz o sr. Leite e muito bem, levou-a cada official consigo ao apresentar-se no quartel e para outra coisa se não apresentou.»

E essa resolução unanime, essa resolução firme poz de lado todos os excessos de melindres do sr. Camossa, e a assinatura de adesão ás juntas ficou de vez riscada do seu espirito.

Depois de chegado ao quartel o sr. capitão Leite... «os subordinados do capitão Camossa não vacilaram um momento sequer em dar por bem feito e por bem resolvido tudo quanto por ele a partir d'esse momento (o sublinhado é nosso) foi determinado. Seguimol-o cegamente.»

Está muito bem; mas antes, quando o sr. Zeferino Camossa aderiu por escrito ás Juntas, o sr. capitão Manoel Leite não o seguia cegamente, antes trilhava caminho diametralmente oposto. Quando o sr. Camossa ia á missa de luto por Sidónio Paes, o capitão Leite ficava no quartel, etc., etc. «Desde aquele momento» o republicano Leite seguia cegamente o republicano Camossa. Estamos d'accordo.

Na exposição dos factos não ha divergencia sensivel entre o que afirmamos e o que o sr. capitão Leite afirma.

Na apreciação é que divergimos. Não admira. Estamos em polos muito diferentes. O sr. capitão Leite aprecia os factos atravez da lente da sua amizade, do seu espirito de sacrificio pelo seu camarada: nós vemol-o pelo prisma da indiferença.

Não queremos terminar esta resposta sem deixar bem claramente expressa a declaração de que no batalhão d'Ovar, desde que os officaes e soldados chegaram ao quartel, não houve uma opinião discordante quanto á defeza da Republica.

E até um official do batalhão, que, por ahi se dizia ser monarchico, com a maior dedicação, tomou para si ou lhe foi confiado o logar mais perigoso da retirada; pois teve de ficar de guarda ao quartel apenas com pouco mais de uma duzia de soldados e um sargento.

Faltava pagar este tributo ao modesto tenente Oliveira,

Abraço maldito

O sr. dr. Pedro Chaves telegrafou de Lisboa á «Patria» dizendo que tinha terminado o congresso democratico, em absoluta união do partido, abraçando-se Antonio Maria da Silva e dr. Domingos Pereira.

Ha um ano terminou

da mesma forma outra reunião democratica, abraçando-se efusivamente o sr. Antonio Maria da Silva e o sr dr. Alvaro de Castro.

D'ali a pouco rompiase a união scindindo-se o partido, e chefiando um dos grupos o sr. dr. Alvaro de Castro.

O sr. Antonio Maria supunha-se á vontade

CRUZES...

Um renegado é sempre um intrigante, porque, tendo a consciencia em sobresalto, precisa de sobresaltar os outros: é um vendido, porque tendo em pouca conta a alma, põe-a em almofada por um prato de lentilhas—atraçoeira Cristo, como Judas, por trinta dinheiros e por isso se vende por menos de 5:000\$00: usa da intriga com impudor e da veniaga com descaramento.

Vade retro

Quando as mulheres da nossa terra o desviam ao fundo do caminho, tiram do seio o punhote de azeviche e, mostrando-lhe o, gritam de largo: *figas, figas!* Cruzes, canhotol

E' boa...

O sr. capitão Leite, na carta que escreveu para a «Patria» em defeza do seu camarada capitão Camossa, afirma que este lhe dissera logo que percebeu que o objectivo da Junta Militar do Norte era de morder a inspirar sérios receios à estabilidade da Republica, que tinha sido comido pelos membros da referida junta.

O que... o sr. Zefirino comido pelos membros da Junta Militar do Norte? Ai os trastes...

TROCO

O sr. alferes Pinho na celeberrima epistola que enviou para a «Patria» resvala um pouco proposadamente para o campo da insidia quando se refere ao nosso Director.

Nós gostaríamos imenso que sua excellencia nos dissesse, com sinceridade, se foi o nosso Director que palmilhou à vol d'oiseaux os campos lamacentos do Vouga ou se na mesma pengada não o seguiram os srs. Drs. Chaves, Tavares e outros individuos...

Olhe, sr. alferes, *facadinhas*... como as que dirige ao nosso Director revelam somente faciosismo muito censuravel em quem se diz republicano independente.

Folhetim

Ovar em 1758

XII

Ria de Ovar

Esta vila situada na visinhança da Ria que aqui tem principio nas tres ilhas que dão origem aos seus tres braços: Cubêlo, Ribeira e Puxadouro. Fala com largueza deste assunto o P. Antonio Carvalho da Costa na sua *Corographia*, tomo 2.º Cap. 3.º.

Toda a margem direita da Ria daqui até á sua foz no mar para onde tranquilamente corre e vai dar, pertencia a esta freguezia. Na esquerda assentam varias povoações e é delas pertença esse lado ou riba. A' ria veem dar alguns regatos que atravessam esta vila e nascem fóra daqui, correndo do nascente. Os principaes são: o Rio da Vila e o Rio da Arruela, que se juntam proximo da capela da Graça, dan-

Devaneios...

Candida

Trago a minha alma imersa em funda mágua, depois que li a tua carta, Candida.

Vieste com ela agravar ainda mais a chaga cruciante do meu sofrer.

Amei-te durante tres anos (como passaram céleres!) com um amor puro e encendrado, sabido dos arcanos mais reconditos do meu coração. Dediquei-te uma paixão ardente e avassaladora, sem uma hesitação ou um desfalecimento sequer. Arquei com sacrificios, venci obstaculos, suporrei dissabores, com uma resignação cristã, com uma paciencia evangelica, por tua causa.

Sempre que recebia as tuas cartas, o futuro para mim tornava mais venturoso e alegre. Via-te a meu lado, prazenteira e feliz, a garrular meiguices,—como que harmonias de alaúdes em noites de luar silente,—a cercar-me de cuidados, a rodear-me de carinhos. Sentia-te uma parcela do meu ser e quantas vezes te apertava d'encontro ao meu peito para beijar os teus labios que pareciam cerejas no alvorar da manhã como se fosses já a minha mulhersinha... (era assim que te chamava, recordas-te?). Nas tardes de Setembro, no Furadouro, quando estendiamos os nossos passeios para além dos padieiros, muitas vezes também sentia no meu braço que cingia a tua delicada cintura o calor estonteante da tua carne que me escaldava o sangue e esbrazeava o cerebro...

Era a hora em que o sol se afundava a pouco e pouco em laivos de sangue, a gotejar sobre a terra, hora em que os sentidos lassos adormecem... Beijava-te então toda, com sofreguidão insatisfeita, com loucura frenetica enquanto tu te abandonavas n'uma languidez eterisante...

Parece-me que ainda vejo os teus olhos marejados de lagrimas, que ouço os teus rogos, as tuas supplicas, que me chamavam á realidade. E depois, com uma voz que me cortava o coração, perguntavas-me se nunca te trocaria por outra mulher. Jurava-te pelas cinzas de meu pae que serias minha...

Tu então, radiante de alegria, louca de entusiasmo, juravas-me religiosamente, por alma de tua mãe que jámais deixarias de me amar e que só a morte é que poderia pôr termo a essa tua paixão que te abrazava e ensandecia... Tenho cumprido até hoje, Candida, fielmente com aquele meu juramento, que eu reputo sacratissimo. Tu, pelo que acabou de ler na tua carta, é que atraçoaste miseravelmente o teu. E invocas-te para mentir,—oh! suprema irrisão—a alma de tua

do origem a uma só corrente que com o nome de Rio da Graça se perde após um curso de menos de légua na Ria.

A Ria era navegavel a toda a embarcação daqui a Aveiro, não o sendo qualquer dos referidos rinchos. As suas aguas correm mansamente de norte para sul e agitam-se em ondas com o sopro dos ventos. Havia nela muita abundancia de enguia, tainha, sôlha e mugem e algumas vezes também apareciam, por arribação, rubalos, lampreias, corvinas e saveis.

A pesca exercia-se ali todo o ano e cobrava o dizimo de todo o seu produto o Cabido do Porto e o oitavo o Infante de Portugal. Nas suas margens havia e ha largos terrenos a milho, extensos juncaes e canisaeas muito proveitaveis para a formação do estrume dos curraes, arvores e boas marinhas de sal. Em todo o seu decurso nem uma só ponte a atravessa, pois é muito larga, nem nesta vila havia outras mais

mãe, d'essa santa mulher que eu venerei como o exemplo vivo da Virtude, como a encarnação perfeita do Bem, como a personificação completa da Lealdade. Não esperava esse teu procedimento, Candida. Sempre supuz que as excelsas virtudes que exornam a tua alma, te impedissem de cometer esse infame sacrilegio. Enganei-me redondamente. Restame agora, o teu arrependimento, a contricção do teu acto para que eu possa ainda que com custo, perdoar-te.

Podias-me ter sido franca. Mais valia que me confessasses abertamente a gélida indiferença que agora experimentas no teu coração por quem tem vivido fervorosamente a pensar em ti, n'uma constancia inegalavel e nunca excedida.

Adeus, Candida, recebe uma saudade, quiça a derradeira do Antonio.

ALIQUANDO...

Inseriu a «Patria» no seu ultimo numero uma local sob o titulo *Nec semper...* Deve ser obra do Alcipo das sindicancias a colegas fazendarios. Pelo latinorio se vê que tal deve ser a paternidade do escrito.

Depois, é padre que ali se viza... Deve estar certo.

Pois olhe, ainda com latim lhe respondemos, para seu socego: *aliquando bonus dormitat Homerus...* Cometeu uma *Gaff*, errando-o o alvo. Faça nova pontaria e não desfeche... sem encarar.

O que de resto está sendo uso lá pela gazeta.

A'pre...

Da epistola que o sr. alferes Pinho enviou para a «Patria» pretendendo defender o seu camarada capitão Camossa, transcrevemos, por curiosidade, o seguinte periodo:

«Sabe-o por isso mesmo o sr. Director da «Defeza», que não ignorando que o capitão Camossa permanecendo 4 dias n'aquelles lamacentos campos do Vouga (que sua Excellencia palmilhou á vol d'oiseaux em uma tarde de chuva e... baças) combatendo com as suas tropas, e á sua frente até ser ferido, os inimigos da Republica, em parte dirigidos por um capitão Valdeleiros, que ainda hoje se encontra comodamente servindo em um dos regimentos do Norte até que a Republica faça justiça devida, demonstrava um denodado amor ao regimen republicano, consente que no seu jornal se lance um descredito á fé republicana e á decisão e energia na sua defeza do capitão Camossa.»

que as dos dois rios: da vila e Arruela. A do Rio da Vila sita mesmo no ponto da confluencia dos dois, era de sólida cantaria em quatro arcos grandes e cinco pequenos com quatro vazadores. Era um dos logares mais apraziveis da vila, muito amenizado pelas arvores das margens e da borda da estrada e visinhança da lindissima capela da Graça, erguida entre os dois regatos na meia sombra do arvoredor.

Na Ria criavam-se e criam em muita abundancia, algas que se apanhavam livremente para estrume das terras. A mesma liberdade existe para a réga com suas aguas e a dos ribeiros que aqui passam e em cujo curso moem muitos moinhos.

A Ria dá vista ás povoações de Ovar, Pardilhó, Bunheiro, Veiros, Murtosa e Aveiro. Dela beneficiam ainda largamente os moradores de Válega a que pertence a ilha do Puxadouro, onde tem origem um de seus braços.

FIM. M. Lirio.

Uff! Foi preciso tomarmos fôlego umas 30 vezes, seguramente, para chegarmos ao fim. E se não nos injectassem uma boa dose de energia e paciencia não atinavamos com o fio á meada.

E' um periodo e... pèras, sr. Alferes.

A'pre...

Outra epistola

Declarando que não conhece o nosso jornal, vem o sr. capitão Senna Lopes trazer mais reforço ao republicanism do sr. capitão Camossa.

Se não conhece o que escrevemos não se comprehende a sua carta.

Duas palavras apenas e... chegam.

Diz o sr. Senna Lopes: «E' que o capitão Camossa... tinha e tem todas as qualidades que o distinguem como chefe e que o faziam respeitado, cegamente obedecido e em que os seus subordinados plenamente confiavam.»

Está dito. Por isso decerto o sr. Senna Lopes, obedecendo cegamente ao seu comandante Camossa, assinou com ele o compromisso de aceitar os mandados e cooperar com as Juntas Militares do Norte que tinham como um dos seus principaes agentes Solari Alegro de tão triste memoria.

Sim ou não? Se não assinou o compromisso com o seu comandante Camossa; nem o seguiu, nem lhe obedeceu cegamente.

Se sim; o sr. Senna Lopes... foi um auxiliar de Solari Alegro... E basta sobre este ponto.

Veio ainda o sr. Lopes revelar-nos um outro aspèto do sr. Camossa, que nós desconheciamos, quando fomos a carta do sr. capitão Leite.

Quando o capitão Camossa falou ao sr. capitão Leite disse que estava comido, e logo depois, quando se dirigiu ao sr. capitão Lopes, disse: *então temos molho.*

Supunhamos que entre gente de posição um pouco elevada, officaes que cursaram escolas superiores, não era d'uso empregar aquelles termos de verdadeiro *argot*...

O sr. capitão Senna Lopes perdeu uma boa ocasião de estar calado, tanto mais que não devia ter esquecido uns maus quartos d'ora que os democraticos aqui lhe fizeram passar.



Mundana

Fizeram anos:

No dia 23, do mez passado, a sr.ª Elvira Martins Rosas, esposa dedicada do nosso amigo e correligionario sr. Manoel Rosas, e a sr.ª Ana Marques da Silva, esposa do sr. José Maria Dias de Rezende e seus filhos Francisco e Luiz Dias de Rezende.

No dia 25, o sr. Manoel d'Oliveira Paulino.

No dia 28, o sr. Antonio da Cunha Farraia.

No dia 30, a sr.ª D. Maria Peixoto.

Hontem, a interessante menina Maria da Gloria, filhinha do sr. Luiz Dias de Rezende, e a simpática menina Ana Luzes de Sousa.

Fazem:

No dia 10, do mez corrente, a insinuante menina Maria da Luz Lirio Bandeira.

No dia 11, a menina Maria José Brandão, prendada filha do nos-

so presado assinante sr. Antonio Ferreira Brandão.

As nossas felicitações.

Noticiario

EXPEDIENTE

Terminando com o n.º d'hoje o 1.º semestre da «Defeza», prevenimos os nossos bondosos assinantes de que vamos, desde já, principiar a cobrança do mesmo semestre, esperando de todos a sua imediata liquidação, o que, antecipadamente, a Empresa agradece.

Acto

Na Faculdade de Technica da Universidade do Porto, fez ha dias acto de Hidraulica geral, maquinas hydraulicas, ficando distincto com 16 valores, o nosso amigo e intelligente sextanista de engenharia sr. Frederico de Quadros Abragão. Parabens.

Chegada

Chegou hontem a esta vila, de regresso de Manaus, o nosso presadissimo amigo e assinante sr. Antonio Gomes Lirio.

Um abraço de boas-vindas.

Dr. Manoel Polonia

Parte amanhã para a Serra da Estrela, onde vaee fazer uma estacção de reponso, este nosso querido amigo. Rapaz intelligente, de trato lhano e atavel, o Dr. Manoel Polonia, pelas suas excellentes qualidades de coração e caracter e pela sua boa e leal camaradagem deixa-nos profundas saudades. Que regresse em breve ao convívio dos seus amigos, são os nossos ardentes desejos.

Doente

Aguarda o leito ha bastantes dias, o que deveras lamentamos, o nosso inolvidavel amigo sr. Manoel Gomes da Silveira. Desejamos-lhe rapidas melhoras.

Nomeação

Tomou ha dias posse do cargo de Tesoureiro da Caixa Economica para que foi ultimamente nomeado, o sr. dr. João de Melo, que durante alguns anos exerceu com elevada proficiencia o notariado nesta comarca. Felicítamolo sinceramente.

Partida

Afim de tratar da administração das diversas casas commerciaes que possui na cidade do Pará, partiu para ali na ultima terça-feira, o nosso particular amigo sr. João Godinho d'Almeida, dá visinha freguezia de Válega. Sentindo bastante a sua ausencia, apresentamos-lhe num bom amplexo as nossas despedidas, desejando-lhe uma feliz viagem, muitas felicidades e uma curta demora.

Casamento

Consociaram-se no dia 13 do mez passado, na Egreja matriz desta vila, o sr. Alberto Soares Balreira e a menina Maria da Conceição do Espirito Santo. Presidiu ao acto o tio da noiva e nosso amigo Padre Antonio Sanfins dos Santos, paraninifando o sr. Dr. Juiz Manoel Pereira Coentro e sua ex.ª Esposa.

batisado

Efectuou-se na egreja Matriz desta vila, no passado domingo 11, o batismo dum interessante filhinho do nosso assinante sr. Manoel Rodrigues da Costa, que recebeu o nome de Antonio Augusto. A seus paes as nossas felicitações.

Aprendiz de barbeiro

Sem ou alguma pratica, precisa-se na Barbearia Central, Largo Serpa Pinto, Ovar.

AVIZ

Companhia Resseguradora Portuguesa

SOCIEDADE ANONIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

CAPITAL---1.000.000*00 ESCUDOS

Autorizada pelo governo em portaria de 20 de Junho de 1918 e á exploração do seguros directos por portaria N.º 1766 de 5 de Maio de 1919

Séde Social—Rua de Carmo, 69—2.º
 LISBOA
 Endereço telegrafico **VIZA-LISBOA**
 Telefones: Expediente 3919—Administração 5001

Delegação—Rua Mousinho da Silveira, 129
 PORTO
 Endereço telegrafico **PORTVIZA**
 Telefone—776

DELEGAÇÃO EM HESPAÑA—Calle de Alcalá, 40—DELEGAÇÃO NO FUNCHAL, José Torquato de Freitas—DELEGAÇÃO DE VILA REAL, Americo Gomes da Costa—EM COIMBRA, Avenida Sá da Bandeira, 50—1.º

SEGUROS E RESEGUROS CONTRA OS RISCOS:—Fogo casual e proveniente de guerra, de transportes terrestres e marítimos, agrícolas, postaes, roubo, contra quebra de cristaes, automoveis, gado, etc., etc.

Agencias no Paiz e Ilhas

O Conselho de Administração

Alberto Correia, Antonio Barbosa, Antonio Cardoso de Sousa, José da Costa Pereira, José Dias da Silveira

QUIOSQUE—TABACARIA Praça da Republica — OVAR —

ANGELO GONZALEZ

Sempre á venda charutos da Bahia, tabacos refrigerantes sameiro, rebuçados, tintas de escre-
 nacionais e estrangeiros. Papel para cartas, idem de ver e copiar, fumadeiras, pomadas preta e de cor
 25 a 35 linhas, lapis, lapiseiras, canetas, bicos de para calçado, bolsas de berracha para tabaco e mui-
 escrever, papel de fumar, livros, loterias, corvejas, tes outros artigos.

BANCO NACIONAL ULTRAMARINO

OVAR

Depositos á ordem, com o juro de 2 1/2 % e 3 1/2 %.

Depositos a prazo, com o juro de 3 1/2 %, 4 %, e 4 1/2 %, respectivamente a tres, seis mezes e ao ano.

Saques sobre todas as localidades, aos melhores premios.

Descontos sobre a praça a 6 % ao ano.

Empréstimos caucionados, cambios, coupons e papeis de credito.

Mindelo

COMPANHIA DE SEGUROS

Sociedade anonima responsabilidade Limitada

Capital Esc. 600.000*00

Efetua seguros contra incendios, marítimos, terrestres, de vida, roubo, ceáras, accidentes de trabalho, etc., etc.

SÉDE EM LISBOA—Rua Nova do Almada, 80.

DELEGAÇÃO NO PORTO—Rua Sá da Bandeira, 222-1.º

AGENTE EM OVAR:

Manoel d'Oliveira Paulino

RUA DR. JOSÉ FALCÃO, 22 a 26

Atlántica



Companhia de Seguros

SOCIEDADE ANONIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

Capital social (Escudos) 500.000\$00
 Capital realizado (Escudos) 150.000\$000
 Fundo de reserva (Escudos) 150.000\$00

Sede: Lotos, 92---PORTO

Receita de 1914 (Esc.)...	36.988\$03,5	Sinistros pagos em 1914—	22.601\$41
» de 1915 » ...	71.197\$29,5	» » em 1915—	25.903\$15
» de 1916 » ...	537.897\$94,3	» » em 1916—	153.470\$90
» de 1917 » ...	3.139.404\$23	» » em 1917—	1.427.035\$74

Afóra os que se teem pago até esta data

Agencias em França, Inglaterra, Noruega, Suecia, Dinamarca, Hespanha e Egito.
 Seguros contra fogo. Seguros contra fogo e roubo. Seguros contra greves e tumultos.
 Seguros agricolas. Seguros contra quebra de cristaes. Seguros de guerra. Seguros marítimos e postais. Seguros contra inundações e enxurradas.

Conselho de Administração:

Manoel Joaquim de Oliveira | Directores
 Dr. José Maria Soares Vieira | delegados
 Silvino Pinheiro de Magalhães
 Dr. Leopoldo Correia Mourao
 Jaime de Sousa

Agentes em todas as terras do paiz

Comissarios de avarias em todos os portes do mundo